



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## AS “PROFUNDAS CAMADAS DA MEMÓRIA”: MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NO LIVRO *O TEMPO E EU* DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Felipe Souza Leão de Oliveira\*

1

### I

Este artigo possui dois problemas centrais: primeiro investigaremos como Luís da Câmara Cascudo constrói uma reflexão em torno de sua própria memória; segundo, examinaremos de que maneira ele constrói sua própria subjetividade, enquanto autor e objeto de análise de suas próprias reflexões. Estes dois problemas serão estudados tendo em vista um texto específico de Cascudo, intitulado *Uma teoria da imagem mental*, que encontra-se no livro *O Tempo e Eu*, uma obra autobiográfica publicada em 1968. Por questões de espaço, vamos nos limitar somente a esse texto, não deixando de fazer referência, ainda que brevemente, ao contexto em que ele foi produzido.

Do ponto de vista metodológico, realizaremos uma análise conceitual deste texto de Cascudo, mostrando de que maneira os conceitos por ele trabalhados descrevem e dão significado à visão de sua existência através de uma reflexão sobre sua memória e, a partir daí, de sua própria subjetividade. A perspectiva que adotaremos aqui é a abordagem analítica de Arthur Danto, isto é, uma abordagem linguística que atenta

---

\* Aluno de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História e Espaço da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista CAPES.

para o caráter descritivo e semântico dos conceitos de um dado texto.<sup>1</sup> Não trabalharemos com a separação que Danto traça entre conceitos descritivos e semânticos: para efeitos de nossa análise, analisaremos as dimensões descritivas e semânticas enquanto simultaneamente presente nos conceitos de Cascudo, relacionando-as entre si à medida que analisarmos tais conceitos.

Cascudo constrói sua própria subjetividade articulando-se, simultaneamente, enquanto sujeito e objeto da reflexão que ele tece em torno de sua própria vida. Por “vida” entendemos “a maneira pela qual o mundo se apresenta imediatamente a nós no decorrer de nossa existência”.<sup>2</sup> E é nessa interseção, em que um sujeito faz de si mesmo seu próprio objeto, confrontado com sua própria existência passada, que trabalharemos aqui.

## II

O texto que examinaremos aqui, intitulado *Uma teoria da imagem mental*, foi publicado no livro *O Tempo e Eu*, como dissemos. Este livro foi escrito nos últimos anos da década de 1960, sendo que sua primeira edição é de 1968. Como escritor, porém, Cascudo havia estreado muitas décadas antes, em 1918 com sua primeira crônica, publicada no jornal de propriedade de seu pai.<sup>3</sup> Ao longo de sua vida, seus interesses abarcaram inúmeros assuntos, indo desde a crítica literária<sup>4</sup> até estudos de folclore<sup>5</sup> e antropologia.<sup>6</sup>

Próximo ao fim de sua existência, a década de 60 parece representar um momento de reflexão em torno de sua própria vida. Segundo Margarida de Souza

---

<sup>1</sup> DANTO, Arthur. *Analytical Philosophy of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 590.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Gildson de. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999. p. 30.

<sup>4</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998. A primeira edição é de 1921.

<sup>5</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

<sup>6</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. São Paulo: Global, 2004.

Neves, esta década pode ser descrita como um momento de “concentração de escritos memorialísticos”,<sup>7</sup> um período em que Cascudo escreveu inúmeros livros que serviram como sínteses e balanços de inúmeras áreas de seu interesse, como, por exemplo, *Civilização e Cultura*, de 1962, que seria uma síntese de seu trabalho etnográfico e *Folclore do Brasil*, de 1967, que representaria um resumo de sua obra enquanto folclorista. *O Tempo e Eu*, por sua vez, estaria inserido neste contexto, só que sintetizando sua própria vida. Mas não foi o único: nesta mesma década encontramos também outros escritos autobiográficos como *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*, de 1969, *Na Ronda do Tempo*, de 1969, *Gente Viva*, de 1970 e *Ontem*, de 1972. Rico e variado, porém, o livro *O Tempo e Eu* explora inúmeros assuntos, desde episódios pontuais de sua vida até pensamentos e reflexões sobre temas mais gerais e amplos, como é o caso da visão de História que ele imaginou aqui, a partir da qual ele construiu sua própria subjetividade.

### III

No início do texto *Uma teoria da imagem mental*, Cascudo escreve:

Explicam essa percepção obscura do complexo interior por uma confusa convergência de sensações anteriores, inconscientemente recolhidas. Atravessamos o mar da vida com rede palpitante dos nervos estendida em captação contínua e alheia à escolha deliberada. Ignoraremos o conjunto exato de nossa pesca, indistinção da incessante colheita. Nada, porém, morrerá em nós. Desce às profundas camadas da memória para reaparecer à tona do entendimento, na impulsão irresistível da vontade, das imagens associadas, espontâneas ou conduzidas pela volição maquinal.<sup>8</sup>

Uma existência histórica, para Cascudo, constitui-se a partir de uma confusa e obscura convergência de “sensações” que, “inconscientemente recolhidas”, constituem um “complexo interior”. Para ele, o acesso a esse “complexo” se dá através de uma “percepção obscura”, pouco clara e precisa. Cascudo lança dúvida aqui sobre a própria

---

<sup>7</sup> NEVES, Margarida de Souza. Literatura: prelúdio e fuga do real. *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 17, pp. 79-104. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg17-5.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg17-5.pdf)>. Acesso em: 6 jul. 2012.

<sup>8</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p. 159. Por questões de espaço, não discutiremos a epígrafe de seu texto e a primeira frase deste parágrafo que se refere a ela.

possibilidade de uma escrita de si, sobre a possibilidade de entendimento de sua própria subjetividade: para ele, ela só pode ser descrita sob a condição de continuar, em grande parte, obscura.

Cascudo acredita que as sensações, recolhidas “inconscientemente”, poderiam auxiliá-lo a pensar o significado de sua própria reflexão em torno da narrativa de sua vida. Ao afirmar que “Atravessamos o mar da vida”, Cascudo justapõe, em uma mesma metáfora, a dimensão temporal e o tamanho desta dimensão na narrativa histórica de si: “atravessar” ganha sua dimensão temporal ao se referir à “vida”, cuja grandeza é medida e reforçada pela palavra “mar”. Se pensarmos as “águas” desse “mar”, enquanto constituídas pelas “sensações” a que ele se refere, então vemos que a metáfora do “mar” aponta para o quanto do “complexo interior” de um indivíduo permanece obscuro a uma dada percepção. Desse modo, ele realça não só a impossibilidade de um dado indivíduo conhecer uma parte das “sensações” que foram “recolhidas” ao longo da vida, como também que *a maior parte* delas permanecerá obscura, uma quantidade tão grande quanto a extensão de um “mar”. E desse mar obscuro, para ele, somente uma “captação contínua e alheia à escolha deliberada” é possível. Em seu texto, portanto, o conhecimento de si não é somente obscuro: ele é aleatório.

Para Cascudo, se essa captação de sensações passadas é obscura e aleatória, ela permanece sempre em aberto, isto é, como uma possibilidade constante, graças ao fato de que “sensações” não morrem: elas são preservadas através de uma “memória”. Ao refletir sobre essas “memórias”, Cascudo defini-as enquanto “imagens associadas, espontâneas ou conduzidas pela volição maquinal”. Notemos que a palavra “volição” repete um significado que Cascudo utilizou no mesmo parágrafo: “vontade”. É a essa “vontade”, portanto, a que “memória” resiste, na tentativa de ser apreendida: quando compreendida, uma “memória” não passa de um “entendimento” superficial de significados que um sujeito jamais poderá compreender inteiramente. A “memória” aqui, portanto, funciona como o registro de um traço do passado: sendo somente um traço, ele tem mais a revelar sobre si mesmo do que sobre o *todo* a que ele se refere, que permanece obscuro, sendo somente uma parte da História e da subjetividade de um indivíduo. Para ele, portanto, o sentido da História de um indivíduo não pode ser apreendido em sua totalidade: em seu “conjunto”, ele permanecerá, para sempre,

ignorado. Ignoramos esse sentido na medida em que, para Cascudo, somos incapazes de determinarmos o fim da “incessante colheita” bem como sua totalidade, produzida pela “captação” constante, ao longo do “mar” de nossa vida.

Prosseguindo em seu texto, ele escreve:

Deve existir em nós uma base primária, densa, hermética, povoada de mistérios, uma espécie de basalto biológico, clima para a fauna imprecisa e poderosa, permitindo, em raro, a evasão surpreendente de um hóspede ignorado. ‘Conhece-te a ti mesmo!’ é a fórmula da impossibilidade introspectiva.<sup>9</sup>

Continuamos a ver como a “memória”, para ele, funciona como um traço do passado, um arquivo concebido como um registro mesmo que um tanto limitado de um acontecimento, ao invés de, por exemplo, uma construção dele. Apesar de reconhecer a impossibilidade de um conhecimento de si minimamente adequado, Cascudo prossegue em suas reflexões, acrescentando que, apesar dos problemas relativos à “memória” acima analisados, “[...] o passado é identificável. Posso conhecer suas procedências, origens, raízes”.<sup>10</sup> Para ele, a “memória” é uma cópia, mesmo que limitada, de um acontecimento no passado: podemos não ter acesso a todas as nossas “memórias” (daí a impossibilidade, para ele, de um conhecimento adequado de si), mas podemos discernir aquelas a que temos acesso como traços e vestígios de um passado as quais elas supostamente se referem. E ela é uma cópia de tal modo precisa e exata, apesar de limitada, que nela podemos identificar as “procedências, origens, raízes” desse passado: a “memória” aponta, mesmo que de modo fragmentado, para as causas e a própria origem que o sujeito histórico, ao “captá-la” (para usar uma expressão de Cascudo), explica e legitima o conhecimento de si mesmo no tempo. Para Cascudo, a “memória” em sua função de “arquivo”, fala de um tempo que já aconteceu e não existe mais, mas é, ela mesma, um registro eterno, preservado indefinidamente.

Continuando, em seu texto, Cascudo escreve: “Uma sensação, que julgo unidade atual e concreta, não será uma constelação de sugestões, pretéritas e futuras?”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p. 159.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Ibid., p. 160.

Isto nos permite pensarmos em uma distinção mais precisa dos conceitos de “sensação” e “memória”. A “sensação” é significada e apreendida a partir da existência de um indivíduo, construída a partir da interação de conhecimentos adquiridos no passado e a dedução de saberes futuros a partir daqueles já adquiridos. Já a “memória” é o registro, o “arquivo” destes conhecimentos adquiridos ou imaginados ao longo do tempo. As “sensações” se dão no tempo, enquanto a “memória”, em sua função de arquivo e conservação, é atemporal.

#### IV

Depois disso, Cascudo introduz um novo conceito: o de “pensamento”. Para ele os “pensamentos” “Persistem, indefinitivamente, sem que envelheçam. Nunca deparei [com] um pensamento velho. Já usado, sim, mas a reaplicação proclama a legitimidade da existência, atual, indispensável”.<sup>12</sup> E ele acrescenta:

Assim, pensamentos súbitos talvez conservem substâncias milenárias e nunca fixarei como surgiram em mim, distantes da lógica mecânica pessoal. Esse fenômeno da abstração, com dimensões infinitas, ninguém elucidará seu nascimento e ação. Desde quando foi permitida a viagem mental? Creio que todo pensamento é inseparável de uma longa cadeia temática. Antes e depois dele o colar continua, interminável.<sup>13</sup>

6

A partir daí ele conclui que

Digo que os nossos pensamentos originais são compósitos, mosaicos ou embrechados, resultando da reunião harmônica de ideias agenciadas pela reminiscência e não a imaginação. O pensador original é aquele que veste nas cores do seu temperamento as ideias ocorrentes. Como não existe uma emoção nova, que ninguém haja sentido antes de nós, o valor da Inteligência está em saber ligar entre si essas ideias, dando-lhes outra disposição, possibilitando outro aspecto exterior.<sup>14</sup>

O “pensamento”, para Cascudo, relaciona “substâncias milenares” e a “longa cadeia temática” em que ele está inserido. O “pensamento” consiste em um fenômeno

---

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968. p. 160.

de abstração enigmático, tão obscuro quando as “ideias” reunidas e articuladas “harmonicamente” por ele e a que ele parece dar acesso. O ato de pensar mostra que, para Cascudo, não são somente as “profundas camadas de memórias” que ele considera como algo impossível de ser inteiramente compreendido: a própria apreensão delas, através do “pensamento”, constitui também um misterioso “fenômeno de abstração”. Aqui, portanto, “reminiscências” aparecem como uma forma de acesso a “memória”: é através da “reminiscência” que o sujeito acessa algumas das “ideias” conservadas no arquivo eterno de seu corpo. A partir dessas reflexões, Cascudo concebe o “pensamento” como fruto de uma atividade de bricolagem, compondo mosaicos que, no entanto, é resultado de atos de “reminiscência” e não de “imaginação”. Esta oposição se dá para ele na medida em que este último conceito está ligado à ideia de falsidade, como aquilo que põe em risco a cópia precisa e exata trazida pela “reminiscência”, ao acessar o “arquivo” da “memória”.

É interessante que Cascudo também atenta para o tipo de relação que o sujeito pode estabelecer com os “pensamentos” de sua própria época: o mais original, para ele, é aquele que melhor traduz em si mesmo as ideias dominantes de sua época, como se fosse capaz de conservar o que podemos chamar, seguindo Foucault, de uma *episteme*, isto é, as condições epistemológicas dos discursos dominantes em sua época,<sup>15</sup> através de sua própria forma de pensar. Daí Cascudo falar em “harmonia”: o sujeito está em uma situação tanto mais harmônica com o pensamento de seus contemporâneos quanto mais de acordo ele estiver com essas condições, ao invés de, por exemplo, desafiar-las, indo contra elas, pondo-as em questão. Daí ele falar em seu texto da lógica de uma longa duração, de “substâncias milenares” e “basalto biológico”, referindo-se a “memórias” de épocas distantes e quase imóveis, longínquas e profundas, em relação às quais a existência humana é sempre pensada como efêmera e fragmentada por “sensações”, tão súbitas quanto de curta duração.

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

V

No texto que examinamos aqui, Cascudo constrói para si o lugar de fala de um “eu” que acredita só poder ter acesso a sua própria existência de forma fragmentada e incompleta através dos registros de sua memória. Seu acesso a esse passado se dá assim porque, apesar dele pensar ser possível ter conhecimento de algumas dessas suas memórias, a maioria permanecerá desconhecida e inacessível para sempre. E o pouco que seria acessível aqui só poderia sê-lo do modo obscuro e aleatório.

Desse modo, Cascudo pensa sua própria subjetividade enquanto algo possível a partir da investigação de seus “pensamentos”, formulados a partir das “sensações” por ele apreendidas ao longo de sua vida, conservadas nos “arquivo” de suas “memórias”. Seu acesso a esse passado se dá somente de forma fragmentada porque, apesar dele pensar ser possível ter conhecimento de algumas de suas memórias, ele também acredita que a maioria delas permanecerá para sempre desconhecida e inacessível.

Para Cascudo, as informações sobre o passado nunca desaparecem, pois, para ele, mesmo aquela parcela não percebida pelo sujeito é conservada na biologia de seu próprio ser. O texto que examinamos neste artigo tem o título de *Uma teoria da imagem mental* na medida em que Cascudo separa uma existência no passado, perdida e finalizada, do registro dela, eterno e para sempre conservado através de “imagens” mentais fragmentadas, sejam elas conhecidas ou não. Ele acredita que uma reflexão em torno de suas próprias “imagens mentais” é o que permite a um indivíduo conhecer algo de si e de sua própria época, construindo sua própria subjetividade a partir de rastros e vestígios de um passado minimamente identificável, de uma existência apreendida somente através de suas partes, mas nunca inteiramente conhecida.

8

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia*: crítica literária. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura*: pesquisas e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.



CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

DANTO, Arthur. *Analytical Philosophy of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. Literatura: prelúdio e fuga do real. *Tempo*, Rio de Janeiro, n<sup>o</sup> 17, pp. 79-104. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg17-5.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg17-5.pdf)>. Acesso em: 6 jul. 2012.

OLIVEIRA, Gildson de. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.